

E quando todo poder emanar dos dados? Uma entrevista sobre *datacracia* com Derrick de Kerckhove

Marina Magalhães¹

O romance *Super Sad True Love Story*, escrito por Gary Shteyngart (2010), é o ponto de partida desta entrevista com o filósofo belga Derrick de Kerckhove. Para abordar o tema da *datacracia*, o entrevistado convoca uma passagem desta narrativa distópica em que as pessoas carregam um aparato tecnológico que registra, analisa e valida tudo aquilo que quem o porta viveu até hoje.

Lenny Abramov. Renda média dos últimos cinco anos: \$ 289.420 yuans agregados... Pressão arterial atual: 120 por 70. Tipo de sangue O... 39 anos, vida estimada em 83. Doenças: colesterol alto, depressão... Perfil consumidor: Heterossexual, sedentário, sem habilitação, sem religião... Preferências sexuais: pouca prática, Asiáticos/Coreanos... Indicador de abuso infantil: ligado... Últimas compras: artigo de mídia não transmissivo, impresso e limitado. (SHTEYNGART, 2010, tradução da autora)

...revela o trecho destacado em nosso diálogo.

Para o autor de *A pele da cultura*, que coordenou por duas décadas o Programa McLuhan em Cultura e Tecnologia na Universidade de Toronto, o romance americano é triste, mas intuitivo. “Muitas previsões foram feitas que já estão acontecendo. Não menos importante é o fato de que, no final, a maioria das pessoas simplesmente assumirá que está sob uma avaliação completa e permanente”, afirma De Kerckhove.

No mesmo período no qual o livro de Shteyngart foi lançado, a China começou a planejar e implementar uma política que, até 2020, segundo os relatórios dos principais meios de comunicação, deve avaliar todos os seus 1 bilhão e trezentos milhões de cidadãos a partir do “Crédito Social”. Tal sistema de classificação permitirá privilégios especiais condicionados ao comportamento de cada

¹ Pós-doutoranda em Comunicação e Pesquisa Social na Sapienza Università di Roma. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, Mestre e Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: marinamagalhaes@msn.com

um, revelado por dados armazenados e manipulados nas redes digitais.

“O governo, a gestão dos corpos e agora talvez até mesmo das mentes, em espaços físicos e virtuais, está nas mãos de algoritmos. Não é impensável que um dia tudo seja automatizado, incluindo a política. Chegamos a um ponto de não retorno de uma transformação radical, comparável apenas ao Renascimento Europeu. Desta vez, é mundial”, analisa o filósofo.

Nesta entrevista, Derrick de Kerckhove analisa os riscos inerentes ao devir digital contemporâneo e os desafios lançados pela era da *datacracia*, como a construção de uma nova ética que priorize os interesses da comunidade sobre os individuais.

Marina Magalhães: O senhor afirmou que a nossa sociedade caminha em direção a uma *datacracia*, ou seja, uma espécie de governo dos dados, em que os cidadãos se adaptam aos comportamentos sociais impostos pela tecnologia. Como podemos entender este conceito?

Derrick de Kerckhove: Já há algum tempo venho especulando que um mundo permeado pelo *Big Data* nos levaria da democracia à *datacracia*, com a passagem do aparato estatal do orgânico para o tecnicismo. Em outras palavras, que um sistema sem governantes, em que algoritmos nos diriam o que fazer, poderia ser realmente o futuro. Evidentemente, era apenas uma hipótese, uma provocação, mas não deveria ser encarada como uma brincadeira.

Se pensarmos fundamentalmente, já estamos delegando nossas capacidades cognitivas (e até emocionais) aos sistemas de inteligência artificial. Os algoritmos já estão dominando o mundo. Planejar, governar... é mais ou menos a mesma batalha. A *datacracia* é o governo ou, dizendo menos dramaticamente, a gestão dos corpos, e agora talvez até mesmo das mentes, nos espaços físicos e virtuais. Não é impensável que um dia tudo seja automatizado, incluindo a política.

Por um lado, essa evolução pode parecer escandalosa; mas, por outro, também pode ser parte de um destino inescapável. De fato, o que está acontecendo após a adoção global da Internet é uma diminuição gradual das liberdades e garantias civis que associamos à ideia de democracia ocidental.

Marina Magalhães: Quais seriam os desafios lançados pela *datacracia*?

Derrick de Kerckhove: Podemos imaginar, plausivelmente, uma nova ética a ser desenvolvida, na qual os interesses da comunidade prevaleçam sobre os individuais. Planejar a esfera social para encontrar um equilíbrio entre as necessidades da vida privada e social acabará emergindo como uma questão política fundamental.

No entanto, não posso deixar de me perguntar se a *datacracia* é melhor que a democracia, no que se refere ao potencial tirânico de um governo de *Big Data*. A *datacracia*, ao contrário, é a ditadura dos dados, um novo modelo de engenharia social que delega todos os poderes decisórios do governo ao *Big Data*, à inteligência artificial e à robótica. É o modelo em andamento em Singapura e, mais ainda, na China. Outra questão importante diz respeito a todos nós: independente de ser melhor ou pior, ainda temos alguma escolha sobre esse assunto?

Marina Magalhães: O que estaria por trás desse processo de transformação, que o senhor traduz como um renascimento cultural mundial?

Derrick de Kerckhove: Como Marshall McLuhan explicou repetidas vezes, a eletricidade é a infraestrutura desta revolução: “dispositivos elétricos de informação são as ferramentas para a tirania e a vigilância universal, desde o ventre materno até o túmulo”. Nasce, assim, um grave dilema entre o nosso direito à privacidade e a necessidade de saber da comunidade.

As ideias tradicionais ligadas aos pensamentos e às ações privadas estão ameaçadas por modelos de tecnologia mecânica que, graças à eletricidade, permitem a recuperação instantânea de informações, grandes dossiês cheios de notícias e fofocas que não perdoam. Não há redenção, não há cancelamento de “erros” da juventude. Já alcançamos o momento em que o controle e a capacidade de gestão são necessários e que somente o conhecimento da mídia e de seus efeitos globais sobre a vida de cada um permite exercê-los.

Marina Magalhães: Que tipo de sociedade deriva dessa transição?

Derrick de Kerckhove: A questão não é trivial porque não podemos fazer uma comparação com épocas passadas. A única possibilidade de encontrar respostas é olhar para a organização das sociedades animais, como as formigas, as abelhas e os [pássaros] estorninhos. Todas essas espécies são compostas de uma quantidade variável de unidades individuais que respondem estritamente a uma ordem de grupo. Eu sei que não é aprazível como exemplo. Nós ainda temos, e provavelmente não teremos isso por muito tempo, a nossa singularidade. Mas acredito que essa propriedade absoluta de nós mesmos está fadada a desaparecer.

Se olharmos para as novas gerações, hoje elas já estão menos preocupadas com sua privacidade. A maior parte dos dados que encontramos na rede são transferidos para a inteligência artificial de forma inconsciente, ou pelo menos distraída, por nós mesmos através do Google, das redes sociais, mas também por meio de todos os sites onde fazemos compras, viajamos e assim por diante. Nós damos informações e as máquinas programam.

Marina Magalhães: Isso significaria dizer que somos prisioneiros de nós mesmos?

Derrick de Kerckhove: Poderíamos dizer isso do ponto de vista da pessoa física. Mas não é uma prisão real. É uma extensão da pessoa física no virtual. Agora ocupamos três espaços: físico, mental e virtual. Para todos nós, o espaço físico e o mental coincidem. Existe uma unidade natural entre essas duas dimensões e o ponto de partida da consciência e o dos sentimentos é o mesmo. Ainda não entendemos bem que a nossa presença, os nossos perfis, os dados acumulados sobre nós e por nós, todas as coisas que têm uma relação identitária conosco são extensões de nós mesmos. O problema não é ser prisioneiro de si mesmo, uma circunstância que é multiplicada pelo virtual, mas abusar dessas informações.

E se o algoritmo, ao final, somos nós, isso não significa que a Internet nos tornou estúpidos. Pelo contrário, somos inteligentes, mas de uma maneira

diversa, ampliada, compartilhada, hipertextual. Na internet, assim como nos algoritmos, obviamente existe a mesma inteligência existente na realidade, ela é apenas classificada de forma diferente. Eu a denomino como *inteligência conectiva* e não penso somente na associação de pessoas que trabalham ou se divertem juntas, mas também na inteligência de suas próprias conexões. A conectividade do Snapchat não é a mesma do Facebook ou do Twitter, por exemplo. E nada da inteligência conectiva é essencial para regular os algoritmos. As deduções da inteligência individual já são multiplicadas pela participação de mais pessoas, e serão ainda mais com a ajuda da inteligência artificial.

Marina Magalhães: Como as mídias móveis aceleraram esse processo?

Derrick de Kerckhove: O protagonista deste novo modelo é o smartphone porque nos identifica muito mais do que nosso passaporte, nosso cartão de crédito ou nossa certidão de nascimento. Ele contém tudo o que diz respeito a cada um de nós e está sempre pronto para compartilhar conteúdo com qualquer pessoa com as habilidades técnicas certas, mesmo que não tenha requisitos legais ou direitos legais.

Os traços que cada um de nós deixa são coletados de bancos de dados e, em seguida, reutilizados para muitos propósitos. Tudo é regulado de acordo com uma nova ordem que parte da coleta e análise dos dados. Embora isso possa parecer extremo, desde a chegada da internet começamos a perder a privacidade, e até mesmo o controle de nossas ideias, escritas ou discutidas, e, em breve, talvez, também perderemos a exclusividade em nossos pensamentos.

É agora de domínio público que o microfone do nosso smartphone funciona mesmo quando a nossa conversa termina (penso na Siri para o iPhone). Cada palavra nossa, os sons ao nosso redor, nossos movimentos são registrados. Em todos os aspectos, o nosso smartphone nos torna transparentes e muito vulneráveis, certamente seria menos perigoso rodar completamente nu em um parque.

Marina Magalhães: A rede armazena, nos lembra de tudo. A memória

já está perdida dentro dos smartphones, sendo aquela das experiências – não das coisas ou eventos – a que ainda resiste. Logo, a *datacracia* pressupõe, ainda, a nossa ausência de memória?

Derrick de Kerckhove: A questão é pertinente. A resistência das individualidades contra a ordem social e contra qualquer poder, seja político, institucional ou algorítmico, depende não apenas das experiências vividas, mas das numerosas referências que cada um avalia e contrasta de acordo com a sua personalidade. Porém, agora a personalidade e a memória são construídas fora do corpo, na rede, em bancos de dados. Nesse sentido, a perda de memória faz de todos nós mais vulneráveis.

A maioria dos jovens de hoje não tem nenhum problema em afirmar que um fato não existe se não estiver no Google. Este é um exemplo desta nova memória conectiva, compartilhada. Ou melhor, devo dizer, este é um novo conteúdo da memória; a confusão também surge no nível do léxico da memória: se faz confusão entre processo e produto, apenas o animal se lembra, a máquina não. É claro que a realidade como a conhecemos, ou pensamos que a sabemos, desaparece quando a referência some. Não é o fato apenas da questão, mas da própria realidade.

Marina Magalhães: Que riscos esta memória conectiva acarreta?

Derrick de Kerckhove: Uma vez defini o Facebook como o “jornal do presente absoluto”. Assim como acontece com os algoritmos que guiam nossas decisões de compra, nós que o gerimos, com posts e comentários. O presente absoluto é compartilhar a qualquer custo, mesmo ao custo de digerir notícias falsas.

O problema está bem aí. A velocidade do aparecimento das notícias torna virtualmente impossível a verificação imediata ou ponderada do fato. Na era da “verdade alternativa”, a famosa tríade do signo, imaginada por Ferdinand de Saussure, é reduzida a um duo, o de significante e significado. Não há mais a necessidade do referente. É por isso que o crescimento exponencial de notícias falsas faz com que as fronteiras entre o fato e a referência ao fato sejam cada vez menos discriminadas. Como já dizia o poeta T.S. Eliot “A humanidade não supor-

ta muita realidade”.

A quem me pergunta se a *datacracia* também pode questionar o nosso livre arbítrio, respondo que este é uma invenção, utilíssima, admito, da cultura letrada, com base na ilusão de que a pessoa está contida e limitada no corpo. Mas a situação está mudando com a rede. Agora nossos pensamentos também correm risco de invasão. Dizem que há protótipos de sistemas que permitem acompanhar e registrar o curso de nossas emoções de leitura, linha por linha, em dispositivos como Kindle ou Kobo.

Marina Magalhães: Existe alguma forma de “proteção”?

Derrick de Kerckhove: Nossa liberdade consiste em ganhar consciência e agir a partir da nova dimensão ampliada pelo virtual. Quem explica muito bem é Yuval Harari, quando afirma que para superar a máquina, basta afirmar o nosso ser: “Se você não gosta de tudo isso e quer ficar fora do alcance dos algoritmos, talvez tenha apenas um conselho a dar, um velho truque: conheça a si mesmo. Afinal de contas, enquanto você souber melhor daquilo que os algoritmos não conhecem, suas escolhas ainda serão superiores às deles, e continuará a ter uma certa autoridade; mas se os algoritmos parecem estar prestes a assumir o controle, a principal razão é que muitos seres humanos não se conhecem em nada”.

Marina Magalhães: E o que dizer da questão da identidade nesse governo dos dados?

Derrick de Kerckhove: Não acredito que nossa identidade esteja em risco. Os corpos são e sempre serão separados, diferentes e fisicamente autônomos e, portanto, devem ser identificados separadamente. Em risco existe a chamada privacidade e a ilusão de nossa independência do meio ambiente, tanto pessoal quanto imediato, contextual e global. Além disso, é quase certo que os governantes também serão governados pelo *Big Data*. Sua presença é apenas um passo intermediário antes de seu desaparecimento total...

Marina Magalhães: Nos últimos anos assistimos a um forte retorno das narrativas sobre um futuro distópico, como o citado romance *Super Sad True Love Story* (2010), de Gary Shteyngart, e a série da Netflix *Black Mirror*, de Charlie Brooker. Estaríamos já imersos nessa distopia?

Derrick de Kerckhove: Em “Nosedive”, o segundo episódio da terceira temporada de *Black Mirror*, a protagonista Lacie nutre uma relação obsessiva com um sistema de avaliação social que estima e divulga seu status social, não só para seus “amigos” e contatos, mas também para instituições governamentais e indústrias de serviços. O episódio, que demonstra como a reputação e as oportunidades de vida de Lacie são profundamente afetados, fornece uma análise perspicaz dos efeitos deletérios que tal política pode ter sobre o bem-estar mental e social dos cidadãos que autoridades afirmam proteger.

Este é o valor profundo de *Black Mirror*: estuda os efeitos, não as causas. Cada episódio descreve a sociedade em uma espécie de era pós-mídia em que o dano foi feito, mas os efeitos ainda não foram adequadamente absorvidos pelo corpo social. Portanto, a série fornece uma boa compreensão da mídia, concentrando-se não no que são, na digitalização, no *networking*, no aumento, na virtualização e em outras tecnologias de gerenciamento de dados, mas em quais consequências essas práticas poderiam ter sobre os indivíduos e a sociedade. Nossa vulnerabilidade é tão aumentada pela transparência que o uso que fazemos da mídia se abre em tantos campos da atividade humana e social.

Marina Magalhães: Já atribuímos notas nos aplicativos de mobilidade urbana, nas experiências de hospedagem, gastronômicas... Seria este o próximo passo, uma sociedade em que todos avaliam todos nos mais diversos campos da vida cotidiana?

Derrick de Kerckhove: Não, isso já aconteceu. Mas o próximo passo poderia ser que precisamos reconhecer a velocidade relâmpago à qual nós, como pessoas, fomos subjugados por nossas tecnologias. Os sistemas de avaliação, praticados em toda parte e de maneira cada vez mais invasiva, elevam a no-

ção atual de “capital de reputação”. Confiabilidade e responsabilidade criariam uma economia separada, talvez uma ecologia, uma nova ética, seguramente.

Referências

DE KERCKHOVE, Derrick. *A pele da cultura*. São Paulo: Annablume, 2009.

SHTEYNGART, Gary. *Super sad loving story*. New York: Random House, 2010.